

# A MULHER CHEFE DE FAMÍLIA E O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

*Tânia Rocha Andrade Cunha\**

## RESUMO

*É cada vez maior o número de mulheres que se responsabilizam sozinhas pela manutenção da família. O crescimento do número de lares chefiados por mulheres resulta de fatores como a viuvez, o aumento das separações e a opção pelo não recasamento, da maior incidência de mães solteiras, ou mesmo da impossibilidade de os parceiros garantirem o provimento da casa. Para este estudo, optou-se por fazer uma análise das experiências de vida de vinte e uma mulheres chefes de família de diferentes camadas sociais, com o intuito de diagnosticar sua condição e desvendar a sua situação objetiva como força de trabalho, mas, também, de compreender como o fenômeno da violência contra as mulheres contribui para o crescimento de famílias por elas chefiadas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Gênero; Mulher Chefe de Família; Violência.*

Na sociedade contemporânea, podemos verificar que tanto o homem como a mulher estão submetidos a um tipo de violência decorrente do modelo econômico excludente. Entretanto, à situação feminina um agravante é acrescentado: a própria subordinação da mulher ao homem. Tal sujeição, que encontra sua raiz na estrutura familiar patriarcal, está presente em diversos âmbitos da vida social: na educação diferenciada para homens e mulheres, na

\* Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre e Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: rocha@uesb.br.

ideologia machista, que é difundida em todas as instâncias sociais, e na discriminação institucional (família, justiça, polícia etc.). Ao manter essa estrutura, a família garante o seu prestígio enquanto instituição e assegura os privilégios dos homens, especialmente daqueles que são ricos e brancos. A violência contra o gênero feminino reveste-se de múltiplas formas, assumindo matizes os mais diversos, conforme o ambiente em que ocorre. Michaud define a violência nos seguintes termos:

*Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais* (1989, p. 10).

A violência doméstica é um fenômeno que atinge todas as camadas sociais. Só muito recentemente, e apenas em alguns países, ela passou a ser reconhecida e considerada como um problema social, com dimensões alarmantes, que precisa ser seriamente enfrentado e combatido.

Neste texto, temos a intenção de refletir sobre a violência sofrida por mulheres que vieram a se tornar *chefes de família*, e de avaliar até que ponto a violência perpetrada por homens contra elas interferiu na decisão de romper com a relação conjugal.

Para discutirmos essa problemática, estabelecemos um diálogo com a bibliografia consultada e com os depoimentos – coletados na cidade de Vitória da Conquista, no ano de 1998 – de vinte e uma mulheres oriundas de todas as camadas sociais e de níveis de escolaridade diversos.<sup>1</sup>

## A CHEFIA FEMININA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Durante a década de 80, o número de lares com direção feminina cresceu significativamente tanto nos países desenvolvidos quanto nos periféricos. De acordo com os dados da IV Conferência da Mulher – realizada em Beijing no ano de 1995 – nos Estados Unidos o percentual de famílias chefiadas por mulheres era de 17,5%; em Porto Rico, 28,3%; na Europa, 31%; e nos países africanos e no Caribe, alcançava 50% do conjunto das famílias (Multirio, 1997).

No Brasil, quase 25% dos lares são, atualmente, chefiados por mulheres.

<sup>1</sup> Os nomes das depoentes foram modificados de modo a resguardar o sigilo de suas identidades.

As estatísticas confirmam que justamente nas camadas mais pobres encontra-se o maior contingente de mulheres que respondem sozinhas pelo provimento da família. Existem evidências de que esse fenômeno tende a se ampliar na medida em que nos aproximamos da zona rural e da periferia das áreas metropolitanas.

O crescimento da chefia feminina resulta de fatores como a viuvez, o aumento das separações e a opção pelo não recasamento, a maior incidência de mães solteiras, ou a impossibilidade de os parceiros garantirem o provimento da casa.

Em Vitória da Conquista, de acordo com o IBGE, a população oficial do município, no ano de 1996, era de 242.647 habitantes, dos quais 116.950 eram homens e 125.205, mulheres. Desse total de mulheres, 11.474 (13%) eram chefes de família.

Para diagnosticar a condição dessas mulheres, optamos por fazer uma análise das experiências de vida de vinte e uma chefes de famílias, provenientes de diferentes faixas de idade. Os depoimentos aqui analisados foram coletados nos limites urbanos de Vitória da Conquista e enfocaram mulheres inseridas no mercado de trabalho formal e informal. Foram consideradas mulheres solteiras, separadas, viúvas, bem como aquelas que, mesmo tendo marido ou companheiro, eram responsáveis pelo sustento da casa.

Das mulheres chefes de família que ouvimos, 60%, a maioria delas, portanto, haviam sofrido algum tipo de violência por parte dos seus ex-companheiros ou companheiros. Em seus depoimentos, elas apontaram diversas situações em que foram vítimas de violência.

Procuramos desvendar não apenas a sua situação objetiva como força de trabalho, mas também apreendê-la em sua dimensão de sujeito social específico em seu universo existencial construído a partir da sua própria subjetividade, da sua identidade, o que significa, em suma, compreender a sua realidade a partir das suas redes de sociabilidade. Nessa perspectiva, e para melhor compreensão da realidade dessas mulheres, procuramos, com base nos estudos de Saffioti (1995, 1997, 1998), investigar a problemática da violência doméstica exercida contra a mulher, questão essa que se entrelaça com as circunstâncias da formação e com o universo social das famílias sob a direção feminina.

A violência de gênero tem sido uma preocupação constante de

estudiosos e de pessoas que defendem os direitos humanos na sociedade atual. As mulheres, que historicamente sempre foram consideradas como o sexo frágil, têm sido o principal alvo de todo tipo de humilhação e violência por parte dos homens. E isso não ocorre somente porque a sociedade legítima o poder masculino, mas também porque o homem tem necessidade de afirmar-se como o sexo forte, o sexo do poder.

De acordo com Saffioti e Almeida (1995, p. 4), *a violência masculina contra a mulher manifesta-se em todas as sociedades falocêntricas*. A violência de gênero pode ser considerada um fenômeno onipresente, ocorrendo em todas as classes sociais e em todas as culturas: independe, portanto, do nível de desenvolvimento econômico. A violência sofrida pela mulher tanto é praticada por parentes como por estranhos e em qualquer etapa da sua vida.

No processo de socialização feminina, costuma-se ensinar que os desconhecidos são pessoas suspeitas que precisam ser mantidas distantes. Entretanto, dados colhidos no mundo inteiro têm mostrado que os principais agressores das mulheres são membros da própria família, ou pessoas que pertencem ao seu grupo de convívio, e desfrutam, assim, de uma certa confiança e por parte das mulheres.

No cotidiano, são os homens que determinam os limites de atuação das mulheres e as regras do jogo da convivência. Até as relações entre mulheres são normatizadas pelo domínio masculino. E a violência, que se constitui num importante instrumento de controle social, é parte integrante dessa normatização. Isso implica que a violência do homem contra a mulher está visceralmente atrelada à supremacia masculina. É dessa condição que resulta a naturalização da violência do homem sobre a mulher, processo esse que aprisiona a vítima e dissemina a legitimação social da violência (Saffioti; Almeida, 1995).

*Eu não tenho relacionamento nenhum com ele. Eu lavo e passo a roupa dele, mas é como se fosse para uma pessoa estranha. Talvez até um estranho seja mais meu amigo do que ele. Ele faz de conta que eu não existo, e quando conversa comigo é me agredindo. Ele só faz me xingar; ele acha que eu tenho até homem pela rua... [Ele] me humilha, me desrespeita... (Valnice, 49 anos, vendedora ambulante).*

Os homens cometem e sofrem violências no espaço público; o mesmo não acontece no espaço privado, onde, por ser o espaço do seu domínio, usam a força física sem o menor constrangimento. No ambiente doméstico, a

violência masculina é exercida com enorme frequência sobre as mulheres e crianças de ambos os sexos, mas especialmente sobre as meninas. Legisladores federais informaram recentemente que, no México, 90% dos menores vítimas de agressões e abusos sexuais são meninas, grupo que recebe também uma alimentação inferior, em qualidade e em quantidade, à que é dada a meninos e a outros membros da família (Fempres, 1998; Isis, 1998).

Na sociedade brasileira – bem como em todas as sociedades conhecidas – a violência de gênero também está presente nas relações entre homens e mulheres: o homem tem a prerrogativa de ditar regras e exigir que as mesmas sejam cumpridas pelas mulheres. Esse é um tipo de violência que se pratica corriqueiramente, como se fosse a coisa mais natural. Muitas vezes as próprias instituições, como a polícia e a justiça, decidem a favor do homem, considerando legítimas as atitudes de “castigo” praticadas contra as mulheres quando estas deixam de obedecer às suas ordens. Como bem lembra Saffioti: *As mulheres são treinadas para viver a impotência, os homens são treinados para viver a potência. Como não sabem vivenciar a impotência, eles violam o espaço do outro. Através da violência, buscam afirmar o seu eu* (1998, p. 29).

Constata-se, nos dados estatísticos levantados no Brasil, um quadro alarmante de violência contra a integridade física, psicológica e emocional da criança e do adolescente. De acordo com levantamento recente feito pela CPI do menor, 40 mil menores sofrem abusos sexuais todos os anos. 80% desses casos recaem sobre as meninas, sendo que, de cada três dessas meninas, duas são violentadas pelos próprios pais, padrastos ou responsáveis (apud Dias, 1997).

Resguardados por uma sociedade que preserva valores machistas, os homens praticam, entre as quatro paredes de uma casa, os mais terríveis atos de libidinagem, estupro e humilhação sexual contra mulheres e crianças, que ocupam uma posição subalterna na hierarquia social de gênero.

De acordo com Vicent (1992), a história da vida privada é a história do medo, e este é fundamental na preservação do segredo. Entretanto, para enfrentar o fenômeno da violência, é necessário vencer este medo e romper os limites das quatro paredes, pois tratar da violência doméstica significa questionar estereótipos, abrir as portas do lar e desnudar segredos.

Tratar da violência contra mulheres é tentar abarcar um conjunto de fatos e situações vinculadas à condição feminina no mundo atual. A violência

que se pratica no recinto familiar tem sido alvo da preocupação não apenas de organizações femininas, ou de pesquisadores, mas também de organismos de governo e de agências de desenvolvimento. A falta de direitos econômicos, sociais, políticos e culturais transforma as mulheres em seres de segunda categoria, dependentes e vulneráveis frente aos homens.

A violência praticada contra a mulher é um problema mundial relacionado aos privilégios masculinos, ao poder e ao controle exercidos pelo homem e fomentados pela ignorância, pela falta de leis repressivas ou pelos frágeis esforços dos governos para garantir o respeito às leis vigentes. Segundo o Comitê Preparatório da Conferência de Pequim, reunido nos Estados Unidos em 1995, uma mulher é agredida a cada dezoito minutos; e, por ano, são agredidas entre três a quatro milhões de mulheres. Na Índia, cinco mulheres são queimadas por dia em consequência de disputas relacionadas com o dote. Na Papua, em Nova Guiné, 67% das mulheres são vítimas de violência doméstica (Situação da Mulher, 1997).

Numa pesquisa realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Santiago do Chile e em Manágua, no ano de 1997, com o objetivo de detectar as perdas econômicas que a violência doméstica acarretava às mulheres (suas principais vítimas) e também ao conjunto da sociedade, concluiu-se que 40% das mulheres de Santiago e 52% das de Manágua haviam sofrido, em 1996, algum tipo de violência cometida por seus companheiros (apud Dias, 1998). A pesquisa mostrou, ainda, que a violência doméstica, em ambas as capitais, gerava sérios impactos sobre os salários das vítimas de agressão física. Em Santiago, os salários das mulheres violentadas representavam apenas 39% dos salários das outras trabalhadoras; em Manágua, aquelas mulheres recebiam apenas 57% do valor dos salários pago às trabalhadoras que não eram agredidas.

De acordo com a pesquisa, a explicação para essa diferença salarial é que as mulheres que sofrem violência são menos produtivas. As razões para a baixa produtividade das mulheres submetidas a agressões são as faltas ao trabalho, a dificuldade de concentração no serviço e a queda na auto-estima. Além disso, normalmente elas sofrem de depressão e estresse e são importunadas pelos companheiros em horário de trabalho.

## A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS CONFLITOS FAMILIARES

A violência doméstica não é só violência de gênero. Na maioria das vezes, entretanto, ela é praticada contra as mulheres e crianças e contribui para a reprodução das relações de dominação masculina, padrão hegemônico em vigor. Como explica Saffioti (1998), ela é mais ampla que a violência familiar, pois abrange pessoas que vivem no mesmo domicílio mas que nem sempre estão vinculadas por laços de parentesco. Abrange a mulher, os filhos, a empregada e atinge até outros moradores do domicílio, parentes ou não, que convivem com a família. Por outro lado, não se restringe às quatro paredes de uma casa: pode ocorrer em outros espaços como a rua, os bares e até mesmo em frente ao local de trabalho da vítima. O lar é apenas um dos lugares de sua manifestação. Entretanto, a agressão perpetrada dentro do seio da família é quase invisível, pois ocorre no espaço das relações particulares, entre pessoas que integram ou integravam a mesma unidade de convivência. É na casa onde normalmente acontece a maior parte dos casos de agressão e violência entre os membros da família. Saffioti e Almeida afirmam:

*Todas as relações humanas apresentam um certo grau de tensão, nem sempre negativo. As relações de violência são extremamente tensas e quase invariavelmente caminham para o pólo negativo: a violência tende a descrever uma escalada, começando com agressões verbais, passando para as físicas e/ou sexuais e podendo atingir a ameaça de morte e até mesmo o homicídio (1995, p. 35).*

Nos depoimentos encontramos várias situações de violência que as mulheres vivenciaram e que algumas (casadas) ainda enfrentam cotidianamente na relação com os seus parceiros:

*“Você é uma vagabunda, você não tem que dar opinião mais em nada porque aqui não tem um tostão seu.” [...] Quando minha filha nasceu, eu não tive o menor apoio dele. Como eu demorei pra engravidar ele falou que eu não prestava nem pra ter filho, que eu era vagabunda, que eu vivia às custas dele por causa dos filhos (Marta, 49 anos, cafeicultora).*

*Nós chegamos a separar por duas vezes. Ele não queria separar, mas como ele arranjou uma mulher e trouxe para dentro de minha casa, eu não aceitei, não aceitei de jeito nenhum. Não era possível que com quase dez anos juntos, ele arranjasse outra mulher na rua e ainda levasse para dentro de minha casa, para conviver comigo e com ele. Aí não tinha cabimento, não tinha condições... (Norma, 41 anos, empregada doméstica).*

Nos relatos da maior parte das mulheres, os maridos eram bons e amorosos quando se casaram. Com o passar do tempo, *viraram a cabeça* e passaram a evidenciar seu lado violento:

*No início era muito bom; até um ano de casada foi muito bom. Ele me tratava bem, eu não trabalhava para ninguém, só cuidava da casa. Ele era muito amoroso comigo. Mas quando nasceu minha primeira filha, começou a fase ruim, de muita briga e discussão. [...] As brigas começaram por causa de bebida. No início, ele só bebia nos finais de semana, quando estava em casa [...]. Nesse período, ele passou a ter muitos amigos e começou a arrumar mulheres na rua....* (Norma, 41 anos, empregada doméstica).

Nos demais relatos, ao contrário, elas contaram que, logo no início do casamento, os maridos mostraram o lado agressivo, ciumento ou violento e que elas desconheciam no tempo de namoro. Nesses depoimentos encontramos, ainda, situações em que os maridos se transformaram em homens adúlteros e alcoólatras:

*Meu relacionamento era ruim o tempo todo. Ele bebia muito, chegava tarde em casa e judiava de mim: toda vida foi ruim. A gente brigava sempre, ele não me batia porque eu corria. Ele sempre brigava porque já vinha bêbado e eu não gostava. [...] Mas eu nunca fui de dar denúncia dele pra ninguém não. Deus me livre! eu sou contra isso. Eu sinto vergonha de brigar aqui agora e a rua inteira saber; ir pra delegacia, pro rádio e o locutor comentar: "a mulher apanha e de noite tá dormindo junto." Eu tinha vergonha, e tenho até hoje: baixaria...* (Joana, 57 anos, gari).

Joana, separada, gari e mãe de oito filhos, foi uma criança que não conheceu os pais. Criada pelos avós, aos 15 anos de idade já vivia uma união consensual que durou dezoito anos. Sua vida durante todos esses anos foi marcada pela falta de respeito, pelo alcoolismo e pela agressividade do marido. Quando o marido decidiu abandoná-la, revelou que ia se casar com outra, pediu que ela experimentasse a aliança da noiva e ainda sugeriu que ela também arranjasse outro marido. Ela respondeu que não tinha interesse em arranjar outro homem e que a sua preocupação, a partir daquele momento, seria com os filhos. Naquele instante, grávida da oitava filha e surpreendida com a decisão do companheiro, sentiu o quanto havia sido enganada. Diante daquela situação, sua única reação foi chorar. Ela chorou muito, pois nada mais poderia fazer.

Existem mulheres que nunca tiveram seus corpos marcados pela violência física. Todavia, seus direitos humanos foram muitas vezes violados.



Nem todos os homens utilizam a violência física para castigar as mulheres, valendo-se de outros meios, como destruir maquiagem, cortar roupas, queimar livros e até prendê-las em casa, como forma de amedrontá-las e mantê-las sob seu controle.

Indiscutivelmente, esses atos agredem a identidade das mulheres, bem como provocam nelas uma instabilidade orgânica e mental.

*O meu casamento, que durou dezoito anos, foi um desastre sempre. Ele era agressivo. Muitas vezes ele chegava em casa e me achava maquiada, ele então [...] pegava os batons e todas as outras coisas e quebrava tudo e ainda trazia pra eu ver. Rasgava minhas roupas, cortava de tesoura porque eram curtas. Quando eu casei, eu não pude usar as calças compridas que tinha porque ele não permitia (Marta, 49 anos, cafeicultora).*

A presença da violência na relação conjugal significa que foram rompidos os laços sociais entre o casal e que as desigualdades entre os cônjuges alcançaram proporções intransponíveis.

*O que dificultava as pessoas a entenderem a minha decisão de separar era o fato de meu marido ser um homem trabalhador, responsável, o protótipo de um marido exemplar, bom pai de família, modelo perfeito para a sociedade... (Marta, 49 anos, cafeicultora).*

A entrevistada acima, pertencente ao grupo de maior poder aquisitivo que entrevistamos, nos faz ver que a violência não é privilégio apenas das mulheres de baixa renda e que nunca freqüentaram a escola, mas está presente na vida de mulheres de todas as classes e de todos os níveis educacionais.

A convivência diária com tantas formas de violência abre uma enorme ferida na relação de um casal. Não é pequeno o número de mulheres que, cansadas de sofrer espancamentos por parte dos maridos ou companheiros, resolvem se separar.

O processo de separação em si mesmo é muito desgastante e doloroso para os parceiros, além de provocar graves seqüelas nos filhos. Conforme Saffioti (1998), por ser a violência um comportamento aprendido, as crianças, vítimas de violência, têm maior probabilidade de se tornar violentas em sua fase adulta.

Uma das entrevistadas, que já havia vivenciado várias situações de violência em sua primeira relação conjugal, revela, ao falar da experiência vivida no segundo casamento, traços da violência perpetrada pelo companheiro,

um colega de trabalho, também médico:

*Logo depois que me separei, conheci meu segundo marido. Começamos a namorar e seis meses depois eu estava casada. [...] Eu engravidei cinco vezes dele e perdi os filhos. [...] Na última vez que engravidei, no quarto mês de gravidez, ele entrou aqui e disse que tinha me trazido um presente. Ele estava sem falar comigo porque eu estava grávida: ele não queria. [...] O presente que ele havia trazido era uma caixa de Citotec – remédio utilizado como abortivo. Eu dei um ataque histérico aqui dentro desse quarto. Ele continuou dizendo que não queria. Levou uma semana ameaçando de me deixar se eu não abortasse, até o dia que eu não consegui, e aí deixei que ele colocasse o remédio: perdi o filho aqui dentro de casa, dentro desse quarto... (Luíza, 38 anos, médica).*

A violência, para ser consumada, necessita, por vezes, da convivência da própria vítima:

*Eu fui pressionada: problema meu que aceitei a pressão. O erro é meu, a responsabilidade é minha. E eu vou lhe dizer uma coisa: hoje, com 38 anos, não que Deus vá me perdoar, mas eu queria ter um filho, pra justificar de alguma maneira a permissão de vir alguém que um dia quis vir e eu não deixei (Luíza, 38 anos, médica).*

A situação vivida pela entrevistada não foi só de violência: ela revela um alto grau de dependência emocional em relação ao marido. Quando se separou deste último marido, Luíza afirma haver passado três meses sem conseguir trabalhar direito: primeiro em função do aborto provocado, que não lhe saía da cabeça, e, segundo, porque ficou sabendo que o ex-marido estava envolvido com outra mulher, que esperava um filho dele:

*Ele me ligava toda hora. Vinha aqui em casa, dormia comigo; eu ia dormir com ele, a gente namorava, daqui a pouco ele sumia um mês. Sabe... nós levamos essa vida durante um ano. Quando fez um ano, ele um dia me humilhou muito, e eu até essa altura ainda estava usando alianças, [...] me comportando como se fosse esposa dele. Ele com mil e quinhentas mulheres, já tinha nascido a filha dele, e eu me comportando assim, aí um dia eu disse: Carlos, eu não lhe quero mais. [...] E isso aconteceu (Luíza, 38 anos, médica).*

Embora recusasse a situação em que vivia, Luíza não conseguia, de imediato, se desvencilhar das amarras que a prendiam ao companheiro. Precisou passar por muita humilhação e muita terapia para que se dispusesse a colocar um ponto final naquela relação que não lhe estava fazendo bem, mas que ela teimava em manter viva.

Também a situação vivida por Marina, durante o período em que esteve casada, é pontuada por um tipo de violência que se exterioriza nos atos de desrespeito, na mentira, na irresponsabilidade de muitos maridos:

*Aquele homem pilantra [...] conseguia sempre me engabelar; cheguei a acreditar que ele fosse voltar [...]. Ele viajou novamente e ao chegar lá a mulher dele me ligou para saber sobre o meu encontro com o meu ex-marido. Foi aí que descobri que ele tinha essa mulher e que a mesma estava grávida. Foi terrível, pois eu estava crente que ele iria voltar, o nosso encontro tinha sido maravilhoso, tudo numa boa... (Marina, 44 anos, costureira).*

Depois da separação, o ex-marido, que era viajante, passou um tempo fora, não deixando endereço nem dinheiro para as despesas com as crianças e com a casa; ele só voltou para tentar levar os filhos. Além das mentiras, do desrespeito e da irresponsabilidade, o marido tentou, ainda, tirar de Marina os filhos do casal.

Na maioria das vezes em que ocorre o abandono da família, a iniciativa é do homem. Essa atitude quase sempre é marcada pela dificuldade de ele conseguir recursos para a manutenção dos filhos e da casa, ou pelo envolvimento com outra mulher, como foi o caso do parceiro de Marina. Por outro lado, a maioria das separações judiciais resulta de iniciativa feminina; mas raros são os casos em que a mulher tenha abandonado os filhos.

Ações violentas acontecem cotidianamente envolvendo chefes de família, suas mulheres e filhos, tanto crianças como adolescentes. O homem, utilizando-se do pré-requisito da maior força física, tem sua agressividade estimulada e aplaudida pela sociedade. Conforme Saffioti (1997), o homem é sempre vitorioso nas brigas familiares, pois tem o domínio sobre todos os membros da casa. Isso implica que, não apenas para as mulheres, mas também para as crianças, o inimigo está dentro da própria casa.

*Minha filha até falou pra ele: “painho, do mesmo jeito que você tem seus amigos, mainha também pode ter os dela. Não pode vir ninguém aqui em casa: se chega um amigo de Vagner, o senhor fala; se chega uma amiga minha ou de mainha, você fala. O senhor deixou de existir, painho, hoje as coisas são diferentes.” Ele virou pra menina e falou: “Negrinha, cala sua boca porque você não é nada minha, pára de me chamar de pai, porque eu não sou seu pai” (Valnice, 49 anos, vendedora ambulante).*

## A VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL

Normalmente, as ameaças e perseguições sofridas pelas mulheres são acompanhadas de atos de violência física (Rangel, 1999), uma das expressões extremas das contradições de gênero, e que revela a crueza e profundidade do problema. Mas ela raramente aparece desvinculada da violência simbólica ou psicológica. Na vida real, essas diversas formas de violência se entrelaçam.

*Aí começaram as brigas. [...] ele bebia; discutíamos, e passou a me bater: me batia muito. Batia mesmo, de dar murro e meus olhos ficaram inchados. O motivo era sempre o mesmo: ele chegava em casa embriagado e começava a falar, a desfazer de mim. [...] Dizia que as mulheres da rua que ele arrumava eram melhor do que eu, que eu não estava ligando mais pra ele.. essas coisas assim.[...] Ele tentou me matar várias vezes: eu tenho cicatriz no corpo.. (Norma, 41 anos, empregada doméstica).*

Conforme Saffioti (1997), entre as mulheres de 18 a 49 anos de idade, vítimas da violência praticada por parentes, 82% são, muito provavelmente, agredidas pelos próprios maridos e/ou companheiros. Entre as mulheres de 50 anos acima, quando já se constata um alto índice de mulheres já separadas ou viúvas, o percentual de agressões físicas cometidas por parentes cai para 5,3%.

A sociedade, ao legitimar o poder exercido pelo homem sobre a mulher, de um lado corrobora a impunidade frente à violência praticada; de outro, projeta e estimula ação semelhante entre as próprias mulheres. O depoimento abaixo ilustra bem esta situação:

*Quando meu filho tinha oito meses, um dia ele [o marido] se arrumou todo e disse que ia arranjar uma namorada. Saiu. Bem mais tarde, [...] eu fui até o bar em que ele costumava ficar: ele já havia saído. Passei por uma rua próxima e o encontrei com uma mulher. Era muito ousada: ainda me ofereceu cigarro, perguntou o que que eu era dele. Aí eu fiquei com raiva e fui em cima dela. Ele me tirou e depois disse que eu estava me igualando a ela. Quando chegamos em casa ele me bateu, bateu, deu um murro na minha cabeça que eu tive a impressão de ficar louca (Valnice, 49 anos, vendedora ambulante).*

A mulher, de vítima, metamorfoseia-se em algoz, atraindo para si nova onda de violência, pois o marido ainda se sente atingido e desrespeitado em sua autoridade de macho. É, também, o caso de Norma, depoente que cursou apenas as primeiras séries do ensino fundamental, que revela-nos a verdadeira face da violência a que estão sujeitas as mulheres:

*No início, quando ele me batia, eu não tinha medo. Mas depois que ele tentou me matar, passei a sentir muito medo. Depois que ele partiu para a violência de faca, fiquei apavorada. [...] Mas, um dia, ele me bateu muito, tanto que eu pensei que fosse me matar. Aí o vizinho falou pra eu ir embora, que ele ia acabar me matando, foi ele que me arranhou o dinheiro da passagem ... (Norma, 41 anos, empregada doméstica).*

A entrevistada, reconhecendo que sua vida estava em jogo, que poderia ser morta em sua própria casa, buscou a única forma de resistência: o abandono do lar e do marido. Inicialmente, Norma sentia medo do novo, temia não ser aceita pela família de origem, pois havia se casado sem o consentimento da mesma e receava que seus filhos passassem fome e ficassem desabrigados. Apesar de tudo, encheu-se de coragem, arrumou as malas e foi embora para sua cidade, sem deixar qualquer notícia. Posteriormente, ficou sabendo, por uma vizinha, que o marido a procurou por um tempo para matá-la. O relato que faz de sua vida é o retrato de uma situação vivenciada não apenas por ela, mas por milhares de mulheres, do Brasil e do mundo, que enfrentam agressões semelhantes.

Para Saffioti (1997), o caráter sagrado de que se revestiu a família e o incontestável poder do homem sobre a mulher e os filhos impedem as pessoas de denunciarem a violência intrafamiliar e a violência doméstica. É a própria mulher que costuma justificar a agressão, praticada pelo marido, pelo uso da bebida alcoólica ou do estresse provocado por tensões ocasionais, como o desemprego. O álcool é utilizado como pretexto de espancamentos e assassinatos cometidos contra mulheres e crianças; a embriaguez fornece uma falsa explicação para o ato de violência, haja vista que é muito grande a quantidade de homens que, mesmo sóbrios, cometem violência contra as mulheres.

*Uma vez, eu me lembro que cheguei em casa (tínhamos uns três anos de casados) – eu tinha vindo da casa da irmã dele – como ele me encontrou maquiada, toda arrumadinha, o cabelo muito grande, ele achou ruim. Aí, ele me falou que fez qualquer coisa, eu ri, ele não gostou. Saiu, carregou a arma, puxou o gatilho, colocou dentro do meu ouvido e falou: “ria de novo, que eu lhe mato, pra você ver que não se deve rir de homem”. Esse era o comportamento dele.. [...] Ele era muito agressivo. Me agredia fisicamente, batia, tirava sangue, me trancava no quarto, me humilhava. Batia na cara, era capaz de matar a filha para me punir (Marta, 49 anos, cafeicultora).*

Temos aqui mais um caso típico da violência perpetrada contra a mulher no ambiente domiciliar. A vida de Marta, durante o tempo em que esteve

casada, foi marcada por vários tipos de agressão por parte do marido, um homem bem sucedido economicamente mas que, no relacionamento com ela, deixava escapar toda a sua agressividade e seu caráter machista. Não admitia, por exemplo, chegar em casa às sete da noite e não a encontrar, bem como nunca permitiu que ela voltasse a estudar. Para ela, esse comportamento não era por ciúme, pois ela não tinha atitudes que pudessem despertar nele qualquer tipo de ciúmes. Ela via no comportamento do seu companheiro algo diferente, doentio. Os conflitos mantiveram-se durante os dezoito anos em que viveu casada, e não aconteciam esporadicamente: aconteciam todas as semanas. Quando a relação se tornou insustentável, resolveram separar-se.

Também no depoimento de Luíza, ficaram bem evidenciados os momentos de violência aos quais ela fora submetida. Em momentos e situações diferentes, Luíza registra fatos do seu primeiro casamento, quando ainda era estudante:

*Ah, meu relacionamento não era bom. Eu apanhava, apanhava mesmo. Tomava murro no meio da cara: eu literalmente apanhava. Ele me encostava na parede, me batia... morria de ciúmes de mim. Tinha ódio porque eu tinha dinheiro e ele não tinha. Ele só fazia dormir, não trabalhava. Preguiçoso, não queria estudar. Quando eu me formei e pude me libertar, ele começou a achar que eu tinha dez homens ao mesmo tempo. Isso durou até que o dia que eu saí de casa e não o quis mais. [...] Eu apanhei muitas vezes: tomava tapa até na cara. E por cima de tudo fui violentada pelo meu próprio marido. Ele me forçou a ter relação e dessa relação resultou uma gravidez (Luíza, 38 anos, médica).*

De acordo com Luíza, essa união representou uma fuga, pois não agüentava mais conviver com a mãe. Apesar de tudo, viveu com o marido por cinco anos, e desse relacionamento nasceram dois filhos. O primeiro nasceu logo após o casamento, pois havia se casado grávida. O segundo filho, como relata, nasceu de uma relação em que foi violentada pelo próprio marido. Como se pode ver na fala da entrevistada, a sua vida de casada foi permeada por várias formas de violência.

Em um outro relato, Vilma, separada, mãe de oito filhos, narra a situação que teve de vivenciar após descobrir que o seu ex-marido tinha outra mulher numa cidade próxima, onde ele trabalhava e morava com dois filhos durante a semana. Ao sair de casa para passar um fim de semana naquela cidade, ela foi surpreendida pela descoberta de que havia outra mulher na vida do seu marido.

*Quando eu bati na cara [da outra mulher], ele voltou, empurrou a porta do carro e me pegou. É como eu estou te dizendo... dessa hora aí, eu estou viva pelos milagres de Deus. Mas eu não considero que eu fiquei viva. Eu fiquei morta, porque, veja bem, eu sozinha, os meninos gritavam: não mata mãe não, não mata mãe não! Ele empurrava os meninos pra lá. Ele empurrava minha cabeça na parede... me bateu muito.. (Vilma, 44 anos, servente).*

A violência vivida por Vilma, naquela situação, foi muito maior que a agressão física que sofreu durante a briga. Segundo ela, a maior violência foi a decepção com o homem que, para ela, estava acima de qualquer suspeita. A confiança que tinha no marido era total e ela jamais poderia imaginar que *aquele homem tão amoroso, que só gostava de vê-la arrumada, pudesse ter uma outra mulher*. Passados os piores dias, veio a saber que o marido já estava com aquela mulher havia seis anos. Após esse dia, eles se separaram. O rompimento da relação de dezenove anos abalou-lhe a saúde completamente. Ela acabou ficando doente, pois não tinha qualquer ânimo para trabalhar.

A violência praticada pelos homens contra as mulheres ultrapassa o espaço privado e, muitas vezes, chega até os locais de trabalho, criando situações de constrangimento, de ameaça e amedrontamento para as mulheres.

*Se ele chegasse em casa e eu não estivesse, ele me procurava e já vinha pela rua me batendo, onde quer que eu estivesse. Ele não tinha esse negócio de esperar chegar em casa para conversar, não (Norma, 41 anos, empregada doméstica).*

Segundo Barros (1997), as mulheres pertencentes às camadas de baixo poder aquisitivo só percebem que são dominadas quando são agredidas fisicamente. Na maioria das vezes, mesmo reconhecendo que são tratadas como inferiores pelos seus parceiros, elas insistem na manutenção da relação. Vários fatores contribuem para esta atitude de preservação da sociedade conjugal. Um dos mais importante é a dependência econômica, principalmente quando a mulher não exerce atividade remunerada. Nos casos de separação, as mulheres ficam com os filhos e enfrentam muitas dificuldades para mantê-los. Isso porque, mesmo as que trabalham, na maioria das vezes recebem salários muito baixos.

Norma, por exemplo, que viveu em situação de violência durante o período em que se manteve casada. Após a separação, diante das dificuldades financeiras enfrentadas após a separação, chegou a sentir saudades da vida de casada, quando não precisava trabalhar.

*Com todo sofrimento, às vezes eu sentia vontade de voltar. Tinha dias que eu me sentia tão cansada de trabalhar. Às vezes chegava em casa e o filho estava doente, estava faltando alguma coisa: era muito difícil. Tinha momentos em que eu me arrependia de ter vindo, e em outros, eu me sentia feliz, pois estava tranqüila, deitava na minha cama, dormia tranqüila. Hoje, eu me sinto uma pessoa realizada. Venci na vida. Hoje, tenho a minha casa, tenho a minha vida, que eu resolvo tudo. Não me preocupo mais. Eu já tenho as coisas todas dentro do meu orçamento. Se eu vou comprar uma coisa, já não preciso pedir opinião a ninguém: vou lá e compro. Então nesse ponto é bom, mas no início foi muito difícil...* (Norma, 41 anos, empregada doméstica).

A consciência desses fatos e a dependência afetiva são motivos suficientes para fazer com que a mulher suporte a situação de violência. Como consequência, as mulheres adiam a idéia de denunciar seus parceiros pela agressão física cometida contra elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas situações apresentadas, podemos afirmar que o fenômeno da violência doméstica não está restrito apenas aos casais de menor poder aquisitivo ou de menor nível de escolaridade, preconceito muito difundido na sociedade. A violência acontece também nas camadas mais abastadas da sociedade.

Muitas mulheres que entrevistamos sofreram ou ainda sofrem situações de violência praticadas por seus parceiros, com variados graus de severidade e frequência. Inúmeras circunstâncias explicam porque algumas delas se sujeitaram e se submeteram a tais práticas, insistindo na manutenção do casamento. Para Carvalho (1998), tal insistência não está relacionada apenas aos recursos que o companheiro fornece para a manutenção da casa, mas pela sua imposição em continuar residindo no domicílio e, principalmente, pela moralidade e pela segurança que a presença masculina confere à família.

A violência doméstica, como afirma Saffioti (1995), obedece a uma escalada. Ela começa com uma simples discussão e, aos poucos, pode se transformar em agressão física e até em ameaças de morte. A agressão física é uma das expressões mais traumáticas da violência contra a mulher. Se ela não encontra um meio de pôr termo aos atos de violência praticados contra si, estes se tornam normais, dada a frequência com que acontecem.

Embora muitos autores reconheçam que a violência é um dos fatores que levam ao desgaste da relação conjugal, ela não figura entre os principais



motivos que contribuem para o crescimento da chefia feminina. Para as nossas entrevistadas – apesar das dificuldades encontradas por elas em apontar um motivo específico para a ruptura dos laços conjugais, pois vários fatores atuavam simultaneamente – a violência praticada pelos seus parceiros significou a *gota-d'água* para que ocorressem as separações. Assim, esta violência revelou-se um dos mais fortes motivos que as levaram a se tornar chefes de família.

O combate à violência doméstica depende da implantação de mecanismos democráticos no exercício do poder que sejam capazes de garantir a cidadania plena e o respeito aos direitos humanos. Esse é um processo muito longo e que passa por uma reestruturação social, pela diminuição das desigualdades de oportunidades para homens e mulheres, por uma mudança de valores que possibilite aos indivíduos compreenderem-se como seres que têm os mesmos direitos, seres destinados a fazer de suas vidas algo que ultrapasse a idéia da sobrevivência, capazes de construir uma nova sociedade na qual impere o respeito e o amor entre os sexos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Z. Em briga de marido e mulher, a D. P. M. mete a colher: aspectos do cotidiano da delegacia de proteção à mulher de Salvador. **Bahia: análise e dados**. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v.1, p. 184-197, 1997.

CARVALHO, L. M. S. S. A mulher trabalhadora na dinâmica da manutenção e da chefia domiciliar. **Estudos Feministas**, UFRJ/IFCS, v. 6, n. 1, p. 7-33, 1998.

DIAS, A. B. Considerações sobre a violência sexual. **Bahia: análise e dados**. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, v. 1, p. 198-207, 1997.

**FEMPRESS**: Red de Comunicación alternativa de la mujer. Desenvolvido por Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales. Disponível em <<http://www.fempres.cl>>. Acesso em 07 dez. 1998.

**ISIS**: Centro de Información y Documentación. Desenvolvido por Isis Internacional: servicio de información y comunicación de las mujeres. Disponível em <<http://www.isis.cl/centrodoc/index.htm>>. Acesso em 07 dez. 1998.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática. 1989.

**MULTIRIO: Multieducação**. Desenvolvido pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.rio.org.gov.br/multirio/cime/>>

dimulher>. Acesso em 21 set. 1997.

RANGEL, O. **Violência conjugal contra a mulher**. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. de. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência doméstica ou a lógica do galinheiro: violência em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. Violência doméstica: do privado ao público I e II. **Revista Presença da Mulher**, [s. l.], ano 12, n. 31e 32, p. 23-30; 29-37, abr./set. 1998.

**SITUAÇÃO da mulher**. Desenvolvido por Centro de Informação da ONU em Portugal. Disponível em <<http://www.onuportugal.pt/mulher/situacao>>. Acesso em 16 nov. 1997.

VICENT, G. Uma história do segredo? In: ARIÈS, P.; DUBY, G. **História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 155-390.

## THE FEMALE HEAD OF HOUSEHOLD AND THE PHENOMENON OF VIOLENCE

### ABSTRACT

*There is a increasing growth in the number of women who have become responsible for the financial support of their families. This growth in the number of female providers is the result of factors such as widowhood, the increases in the number of divorces, in single mothers, in male partners who may be unwilling or incapable of supporting their families, or in women opting not to remarry. In attempting to understand these women's conditions, we chose to undertake a analysis of the life experience of 21 women head of households from different social classes with the purpose of uncovering not only their situation as providers but also how the phenomenon of violence contributes to the growth of these families.*